

Duzentos anos do Sistema Braille no Brasil

Um passeio pela região Nordeste

Adenize Queiroz de Farias
Márcia Moreira da Silva



Adenize Queiroz de Farias
Márcia Moreira da Silva

DUZENTOS ANOS DO SISTEMA BRAILLE NO BRASIL

UM PASSEIO PELA REGIÃO NORDESTE



Campina Grande-PB | 2025



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Alberto Soares de Melo | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (*UEPB*)

Antonio Roberto Faustino da Costa (*UEPB*)

Cidoval Moraes de Sousa (*UEPB*)

José Etham de Lucena Barbosa (*UEPB*)

José Luciano Albino Barbosa (*UEPB*)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (*UEPB*)

Patrícia Cristina de Aragão (*UEPB*)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Complexo Adm. Redentorista - Av. Dr. Francisco Pinto, nº 317, Bairro Universitário.
CEP: 58429-350, Campina Grande – PB.



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Alberto Soares de Melo | *Diretor*

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Assessorias

Antonio de Brito Freire

Carlos Alberto de Araujo Nacre

Danielle Correia Gomes

Elizete Amaral de Medeiros

Eli Brandão da Silva

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

F224d

Farias, Adenize Queiroz de.

Duzentos anos do Sistema Braille no Brasil [recurso eletrônico] : um passeio pela Região Nordeste / Adenize Queiroz de Farias e Márcia Moreira da Silva ; apresentação de Antônio Muniz. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.

42 p. : il. color. ; 22 x 22 cm.

ISBN: 978-65-268-0073-7 (Impresso)

ISBN: 978-65-268-0075-1 (3.000 KB - PDF)

ISBN: 978-65-268-0077-5 (Epub)

1. Sistema Braille no Brasil. 2. Sistema Braille- História.
3. Educação Inclusiva. 4. Deficiência Visual. 5. Livro
Acessível. I. Silva, Márcia Moreira da. II. Título.

21. ed. CDD 419

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

DEDICATÓRIA

Este livreto é dedicado à Luzia Maria de Almeida (in memoriam), uma jovem cuja vida foi ceifada aos 39 anos, por um trágico acidente automobilístico. Luzia dedicou toda sua trajetória ao caminho palmilhado por Luís Braille, por dona Adalgisa Duarte da Cunha, dona Dorina de Gouvêa Nowill, Jonir Bechara Cerqueira, e tantas outras pessoas cegas que buscaram multiplicar o conhecimento, a arte, a cultura, o trabalho para tantos outros que nasceram cegos ou perderam a visão. Cada um dos pontos braille contidos nessa pequena obra, testemunham nossa imensa gratidão por seu legado.

Neste opúsculo homenageamos também a professora Érica Alves da Silva da cidade de Petrolina (Pernambuco) grande ativista da educação Especial inclusiva, como também ativista do movimento das pessoas com deficiência, tendo inclusive participado do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência do estado de Pernambuco.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao poder superior a oportunidade dessa obra! Agradecemos as tantas mãos que fizeram com que esta singela homenagem pudesse chegar aos mais variados lugares. Agradecemos ainda a cada voz, a cada parceiro e parceira que fez desse evento o melhor que esteve podendo! Nossa eterna gratidão aos leitores e aos amigos e amigas que fazem do Braille uma ferramenta significativa em suas caminhadas terrenas!

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
O Sistema Braille: uma história que começou a 200 anos	13
Trilhas do Sistema Braille: De Paris ao Nordeste Brasileiro	15
Um passeio pela região Nordeste	19
Alagoas.....	20
Bahia	22
Ceará.....	24
Maranhão	26
Paraíba.....	28
Pernambuco	30
Piauí	32
Rio Grande do Norte	34
Sergipe.....	36
Referências	39

APRESENTAÇÃO

No ano em que se comemoram dois séculos da existência do Sistema Braille no mundo, e, consequentemente, no Brasil, convido você, leitor(a), a fazer um breve passeio por toda esta região chamada Nordeste, formada por nove estados, onde o invento do genial cego francês foi disseminado ao longo da primeira metade do século XX.

Importa destacar que a primeira tentativa de sistematização da educação das pessoas cegas e com baixa visão em nosso país ocorreu por meio de um projeto apresentado à Assembleia Geral Legislativa, na sessão de 29 de agosto de 1835, pelo deputado Cornélio Ferreira França, que previa um professor de primeiras letras para surdos, mudos e cegos em cada província da nação, concedendo o direito do ensino primário a todos os cidadãos, conforme a Lei de 15 de outubro de 1827. O projeto, contudo, não foi aprovado, e a educação dessas pessoas só se consolidou em 1854, graças à atuação de José Álvares de Azevedo, Adélia Sigaud e seu pai José Francisco Xavier Sigaud, além, é claro, do Magnânimo Imperador D. Pedro II, que, em 17 de setembro de 1854, inaugurou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, primeiro educandário do gênero em toda a América Latina.

Neste passeio tiflológico pelo Nordeste, se constatará que o segundo educandário brasileiro do gênero surgiu em Recife (PE), em 1909, como afirma Antônio José do Nascimento Ferreira, graças à iniciativa de Antônio Pessôa de Queiroz em parceria com a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Recife. Por outro lado, a partir dos anos 60, começam a ser criadas Nordeste afora, associações representativas das pessoas cegas e com baixa visão, como nos informa Antenilton Marques, que, em 21 de junho de 1967, um grupo de cegos, políticos e empresários, fundam, em Teresina, capital do Piauí, a Associação de Cegos do Piauí (ACEP), primeira entidade no gênero em todo o País.

Desde então, essas associações de pessoas cegas e com baixa visão, com todo o seu voluntariado, vêm, até os dias atuais, impulsionando o ensino e a disseminação do sistema de seis pontos em toda esta vasta região.

Mais que um construto histórico, almejamos que, ao chegar a cada um dos nove estados de nossa região, esta obra se torne um instrumento impulsionador na luta pela garantia do livro acessível nas pontas dos dedos de cada criança ou jovem com cegueira ou baixa visão, contribuindo, dessa forma, para efetivação de sistemas educacionais cada vez mais acolhedores e inclusivos.

Ademais, ressalta-se que as motivações para a construção desta obra resultam do trabalho desenvolvido pela Associação Brasileira de Educadores de Deficientes Visuais (ABEDEV), fundada em 1968, tendo como um dos fundadores os professores de saudosa memória, Dorina de Gouvêa Nowill e Manuel Dias Santa Rosa, Entidade que, no âmbito da região nordeste, tem se destacado no tocante a realização de eventos e, sobretudo, na articulação de professores comprometidos com a oferta de uma educação acolhedora e inclusiva aos estudantes com deficiência visual.

Antônio Muniz

CAPÍTULO 1

O SISTEMA BRAILLE: UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU HÁ 200 ANOS

Márcia Moreira da Silva

“O livro como um instrumento de uso diário, um meio para o desenvolvimento de carácter, ou um veículo para lazer e repouso, é parte vital para uma vida feliz e dignificada.” Esses três usos do livro, fundamentais para todas as pessoas, incluem também aquelas com deficiência da visão.

Fazer uma viagem no tempo, trilhando os caminhos percorridos pelo Sistema Braille em 200 anos de sua criação, demarcando, nessa linha temporal, sua chegada no Brasil, dando ênfase aos estados da região Nordeste, através dos depoimentos vivos de pessoas cegas que descortinaram os universos da leitura, escrita e, por conseguinte, o mercado de trabalho, sem dúvida, é, para nós, uma viagem marcada por alegria e emoção.

Para nós, que assumimos a tarefa da autoria desses registros em parceria com os demais participantes que, de forma espontânea se colocaram disponíveis, tornando os achados um registro marcado por suas vivências pessoais, somadas as militâncias e conquistas que passam de geração em geração, oportunizando o surgimento de Instituições que com o apoio de pessoas da sociedade civil e governamental nas instâncias municipais, estaduais e federal desenvolveram, e

ainda hoje desenvolvem, ações e políticas públicas no tocante à escolarização e inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho e na sociedade.

As narrativas biográficas dos participantes desse livreto coadunam com os estudos de autores, como Josso (2004) e Abrahão (2010), que versam sobre autobiografia, ou seja, possibilitam trazer para o centro da narrativa as vivências pessoais alinhadas as vivências históricas que marcam o caminhar das instituições para cegos instituídas na região Nordeste. Compreendemos que aprender, conhecer e formar-se foi o triângulo-chave para nossa auto formação.

Por outro lado, o ato de se autobiografar configura-se pelo ato de apropriar de um instrumento semiótico (grafia), culturalmente adquirida, e, de colocar-se no seio do enredo narrativo (autobiografar-se), ou seja, deslocar o OUTRO que estava oculto em nós (EU) para torná-lo protagonista dessa trama (biográfica). Partindo da afirmativa “Nos conte como tudo começou” ouvimos narrativas que se tornaram importantes na construção desse livreto, contando como o Braille chegou e vem se desenvolvendo na atualidade em cada estado da região.

A utilização nesta pesquisa do método (auto)biográfico, possibilitou maior exploração das fontes, sobretudo, as fontes orais e/ou narrativas dando mais amplitude aos registros dos caminhos percorridos pelo Sistema Braille a nível internacional, sua chegada no país e, seu caminhar pelos estados nordestinos. As narrativas foram coletadas numa conferência de vídeo via Google Meet. Para fins didáticos, antes de iniciar sua fala, cada participante declarou estar ciente do registro e colocou seu relato à disposição da construção dessa homenagem aos 200 anos do Braille no Nordeste. Portanto, esse livreto é uma produção coletiva e, atendendo aos princípios éticos, adotou-se a auto declaração como consentimento para a publicação das narrativas. Após realizar a transcrição das narrativas, cada participante teve a oportunidade de revisar e, sugerir os ajustes necessários à melhoria do texto.

Retomando a ideia central desse trabalho, construindo uma linha temporal dos 200 anos do Braille, faremos um breve percurso pelo mundo, em linhas gerais o seu surgimento em Paris, sua chegada ao Brasil e, com maestria nos transportaremos sem demora para o nosso passeio pelo Nordeste brasileiro.

Trilhas do Sistema Braille: de Paris ao Nordeste Brasileiro

Iniciamos nossa viagem simbólica pela semiótica da leitura e escrita do Sistema Braille, contando um pouco do percurso do seu nascimento até os dias atuais. Os registros mostram que, na antiguidade, o indivíduo cego, por ser impossibilitado de manusear armas, era considerado como uma pessoa inútil, improdutivo, quando não era decretada sua morte ao nascer. Ainda assim, inúmeros são os registros históricos, em diferentes épocas, de personalidades cegas que superaram as adversidades sociais e a própria deficiência visual, conseguindo destacar-se em diversos ramos do conhecimento, na literatura, nas artes, na filosofia e nas ciências em geral. Coube ao enciclopedista Jean Jacques Rousseau tratar o assunto de maneira realmente objetiva, mostrando a necessidade de se criar, de fato, condições especiais para atender às peculiaridades educacionais dos cegos. A proposição de Rousseau teve como resultado prático a ação de Vallentin Haüy, filantropo francês, que se interessou vivamente pela educação das pessoas cegas.

Segundo Souza (2019), este processo iniciou-se com a idealização de uma forma que tornasse possível ensinar uma pessoa cega a ler. Muitos meios já tinham sido tentados, mais ainda não haviam logrado êxito: letras formadas com ripas de madeira; pequenos pregos firmados em madeira, servindo de ponto de apoio para fios ou arames finos estendidos; caracteres desenhados em folhas de metal maleável; representação de letras em baixo relevo, em papel, argila, etc.

Ainda nos estudos de Souza (2019), bem como em vários registros referendando a história do surgimento do Braille enquanto método de leitura e escrita, é pertinente registrar que, Haüy concebeu um sistema de leitura tátil, com base na representação em relevo dos caracteres comuns, impressos numa folha de papel; experimentou este sistema e conseguiu alfabetizar um jovem cego esmoler, François Lesueur, que era capaz de reconhecer, com o tato, o valor das moedas que recebia. Dando continuidade aos registros de maneira sucinta, após a experiência de alfabetizar com sucesso, uma pessoa cega, lançou campanha para arrecadar fundos para a construção de uma escola para cegos. Arregimentou crianças e jovens cegos e fundou, em 1784, o Instituto Real dos Jovens Cegos, em Paris. Deflagrava-se, ali, a educação para os cegos no mundo com a fundação da primeira escola especializada.

Em conformidade com os registros, as linhas dessa história são descortinadas por diversos autores. Nesse cenário é configurado que, para que o Braille surgisse, outros dois sistemas foram

criados. Assim, temos como sistemas de leitura e escrita, três iniciativas que vieram de Haüy, Barbier e Braille.

Sistema Linear em Relevo (Literal) - O invento de Vallentin Haüy possibilitou a produção de livros com caracteres em relevo e a formação de classes especiais onde os cegos eram alfabetizados e desenvolvidos na leitura tátil.

Sistema de Pontos em Relevo (Fonético) - Em 1819, um antigo oficial do exército de Napoleão, Charles Barbier de La Serre, trouxe um sistema fonográfico de leitura e escrita para ser testado no Instituto dos Jovens Cegos. Era um sistema de sinais, formado por pontos para reconhecimento tátil.

Sistema de Pontos em Relevo (Literal) - Braille resolveu fazer um novo sistema, sem qualquer relação com o de Charles Barbier; aproveitou apenas a ideia de utilizar pontos em relevo na formação dos sinais. Com inteligência e empenho, estruturou um novo código de sessenta e três sinais, mediante a combinação de seis pontos, atribuindo valores simbólicos a esses sinais para serem utilizados na literatura, na música, na aritmética e na geometria.

A história de Louis Braille é contada por vários autores. Louis Braille nasceu em quatro de janeiro de 1809, na pequena cidade francesa de Coupvray pertencente ao distrito de Seine-Marne que se situa a cerca de quarenta e cinco quilômetros da cidade de Paris.

Seu pai, Simon René Braille, era um conceituado seleiro na região e sustentava a família com o fruto de seu trabalho, de maneira simples, mas confortável. Sua mãe, Monique Baron, foi uma jovem simples de fazenda que veio a Coupvray para casar-se com Simon em 1792, dezessete anos antes do nascimento de Louis Braille.

Desde que pôde dar seus primeiros passos, Louis acostumou-se a brincar na oficina de seu pai com os pequenos retalhos de couro usados na confecção das selas.

No ano de 1812, não se sabe exatamente em que dia e mês, o pequeno Louis brincava na oficina como de costume. Em dado momento apanhou um dos instrumentos de retalho do couro e experimentou imitar o trabalho de seu pai. Ao tentar perfurar um pedaço de couro com a sovela pontiaguda e afiada, aproximou-a do rosto. O couro era rijo e o pequeno forçava para cortar. Em dado momento a sovela resvalou e atingiu-lhe o olho esquerdo, causando grave hemorragia.

Apesar da saúde comprometida, pois contraiu tuberculose aos 26 anos, Braille trabalhou constantemente no aperfeiçoamento de seu sistema e, em 1838, publicou a “Pequena Sinopse de

Aritmética para Principiantes”. Logo em seguida, em 1839, publicou o “Novo método para representação por sinais de formas de letras, mapas, figuras geométricas e símbolos musicais para uso de cegos”. Este último método consistia em escrever as letras de forma convencional, marcando com o punção uma série de pontos em relevo. Para padronizar a dimensão das letras, Braille determinou em um quadro o número de sinais necessários para cada letra. Esta nova invenção, à qual Braille deu o nome de “grafia pontilhada”, também foi adotada pelos alunos, facilitando a comunicação com os videntes.

Só em 1843, com a transferência do Instituto Real para Jovens Cegos para sua nova sede, é que o seu diretor passou a aceitar o sistema de Braille. Louis ficou profundamente comovido quando, na inauguração do novo prédio, seu método finalmente foi demonstrado publicamente e declarado aceito. Este foi o primeiro passo para a aceitação geral. Daí em diante, seu uso começou a expandir-se por toda a Europa.

No Brasil, o método Braille começou a ser conhecido no mesmo ano em que foi oficializado na França, graças a um estudante brasileiro que fazia intercâmbio. José Álvares de Azevedo conheceu o sistema enquanto estudava na França. Ele também era cego e havia sido enviado pela família ainda adolescente para estudar no país europeu.

À época, explica o historiador, o jovem se encantou pelo Braille e resolveu contribuir com pessoas cegas no Brasil mostrando a elas a novidade. Ao retornar ao país, começou a buscar autorização para difundir o novo método. Conseguiu audiência com Dom Pedro II em 1850. Daquele encontro saiu a autorização imperial para fundar uma escola especializada em educação para pessoas cegas.

Quatro anos depois, em 1854, ao mesmo tempo em que o Braille era oficializado na França, nascia no Brasil o Imperial Instituto dos Meninos Cegos. José Álvares de Azevedo, primeiro professor cego do Brasil, assim como Louis Braille, não chegou a ver seu desejo materializado. Quando o instituto começou a operar, José Álvares de Azevedo já havia falecido, também vítima de tuberculose.

Ao longo dos anos, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos passou por atualizações e atualmente é conhecido como Instituto Benjamin Constant. Um outro grande marco a nível nacional no País foi a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, instituída no ano de 1946, atualmente conhecida como Fundação Dorina Nowill para Cegos. No Brasil, a Lei nº 12.266, de junho de 2010, instituiu o 08 de abril o dia nacional do Braille em homenagem a José Álvares de Azevedo, o jovem cego que foi para Paris e trouxe o Braille para o Brasil.

Conhecer a história desse sistema e trazer os relatos das pessoas com deficiência da Região Nordeste é sobretudo, uma maneira através da qual a Associação Brasileira de Educadores de Deficientes Visuais (ABEDEV) constrói sua história na região Nordeste, trilhando a partir dos depoimentos dos participantes dessa breve homenagem que fazemos nessas linhas ao inventor do Braille pelos 200 anos do método que permite às pessoas cegas, surdocegas e com baixa visão, ler, escrever, construindo caminhos para uma inclusão equânime.

Os relatos são, sem dúvida, um registro singular que vem dizer ao mundo, o quanto para nós pessoas cegas o Braille é relevante e significativo. Para tanto, os estados vão seguindo a linha temporal e vão dando vida ao Sistema Braille com um sentimento de louvor e gratidão.

CAPÍTULO 2

UM PASSEIO PELA REGIÃO NORDESTE

Adenize Queiroz de Farias

Para construção desse capítulo, a autora realizou através da plataforma Google Meet, no dia 14 de julho de 2025, um processo de escuta com líderes ativistas, representantes dos diversos estados da região Nordeste. De posse desses relatos, foram realizados resumos criteriosos e cuidadosos, a fim de transcrever com fidelidade o ontem e o hoje do Sistema Braille na região Nordeste e nas diversas instituições que o disseminaram.

Depoente: Marcionila Verçosa do Rego

“A pretensão do professor Moacir era fundar uma escola de cegos aqui em Maceió, e ele o fez”

Algumas iniciativas isoladas possibilitaram a chegada do Sistema Braille no Estado de Alagoas, dentre as quais merece destaque o trabalho desenvolvido por um professor cego, cearense, que, juntamente com outras pessoas de Maceió procuraram o Secretário de Educação com a finalidade de criar a escola de cegos, a qual, por falta de espaço, tem sua primeira sede em uma pequena sala localizada na Secretaria de Educação.

A partir deste fato nasce o sonho da criação de uma unidade educacional pública exclusivamente direcionada para educação das pessoas cegas, o que começa a florescer no dia 04 de maio de 1968 com a solenidade de lançamento da pedra fundamental do Instituto de Educação de Cegos, situado em Pajuçara.

Apesar de uma série de esforços para a construção deste espaço, o projeto é interrompido, fato que se deve ao falecimento de seu maior idealizador.

Outro importante passo ocorre em 15 de junho de 1976, com a criação do Centro Estadual Educacional Cyro Accioly. Por meio do Decreto nº 2.794 foi inaugurada uma escola exclusivamente especial, incorporada ao Sistema de Educação Especial, da Secretaria Executiva de Educação. A mesma funciona até os dias atuais, no prédio situado na Rua Pedro Monteiro, s/n, no Centro de Maceió.



Centro Estadual Educacional Cyro Accioly

Endereço: R. Dr. Pedro Monteiro, s/n - Centro, Maceió - AL, 57020-380.

Instagram: <https://www.instagram.com/cyroaccioly/>

Depoente: João Eudes Alves Ferreira

“Aqui na Bahia, o Braille ajudou na formação profissional das pessoas cegas”.

O primeiro fato que marcou a história das pessoas com deficiência visual no estado da Bahia, foi a criação do Instituto dos Cegos velho na década de 1930 que, em conformidade com modelos praticados em outros institutos, contava com uma fábrica de vassouras e com a forte atuação de uma orquestra musical.

Nas décadas de 1960 e 1970, a secretaria de educação do estado também colaborou na escolarização das pessoas cegas, disponibilizando materiais em Braille, o que também era possível encontrar na Biblioteca Pública do estado, que atuou fortemente na realização de campanhas para leitores. além disso, neste espaço, ocorreram as primeiras reuniões, tendo em vista a criação da Associação Bahiana de Cegos.

Também merece destaque o processo de capacitação profissional das pessoas cegas na Bahia, pois, já na década de 1970, o Senai e algumas outras empresas disponibilizam mapas, livros e informativos em Braille.



Instituto dos Cegos da Bahia

Endereço: R. São José de Baixo - Barbalho, Salvador - BA, 40300-770.

Site: <https://www.institutodecegosdabahia.org.br/>

Depoente: Francisco Ferreira da Silva.

“A gente trabalha bem este aspecto do Braille, a gente trabalha com as escolas do estado e do município”.

No estado do Ceará, a chegada do Sistema Braille se dá na década de 1940, tendo como marco a criação da Sociedade de Assistência aos Cegos (SAC) em 1942, cuja finalidade, além de promover a educação das pessoas cegas, consistia em oferecer-lhes serviços de assistência médica e prevenção à cegueira.

O processo de alfabetização destes estudantes se intensifica no ano de 1943, com a criação do Instituto dos Cegos do Ceará, posteriormente denominado Instituto Hélio Góis, que, apesar de contar com o apoio financeiro de empresários e organizações internacionais, dispunha de poucos recursos técnicos e humanos, razão pela qual recorre ao apoio da então Fundação Para o Livro do Cego no Brasil, que enviou diversos materiais, em especial os livros para sua biblioteca.

Ressalta-se ainda as valiosas contribuições prestadas pelo Instituto Benjamim Constant, para onde eram encaminhados aqueles estudantes que concluíam o ensino primário e desejavam prosseguir em seus estudos, o que ocorreu até o ano de 1968, quando o IBC passou por muitas mudanças, o que levou o governo do Ceará a qualificar professoras para este trabalho.

A partir da década de 1980 até os dias atuais, muitas foram as parcerias, tendo em vista a difusão do sistema, dentre as quais destacamos a chegada da primeira Imprensa Braille, que tornou possível o acesso a faturas, artigos jornalísticos, etc. A Biblioteca Pública, a Assembleia Legislativa e o CEPID, também se destacam no tocante a impressão de materiais em Braille, expandindo esta produção para além dos livros didáticos.

Consolidando este processo, cumpre destacar o relevante trabalho realizado pelo CAP/CE (Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual do Ceará)e, em especial, pela Associação de Cegos do Ceará (ACEC) que, em articulação com municípios, estado e ainda com a universidade, tem colaborado a fim de que o sistema Braille seja acessado por pessoas cegas que residem no interior, colaborando, sobretudo, na formação de professores que, em algumas regiões, já desenvolvem ações de maneira independente.



Sociedade de Assistência aos Cegos (SAC)

Endereço: Av. Bezerra de Menezes, 892 -
São Gerardo, Fortaleza - Ceará - CEP: 60325-001.
Site: <http://www.sac.org.br/instituto/Index.html>

Associação de Cegos do Estado do Ceará (ACEC)

Endereço: R. Gen. Clarindo de Queiroz, 1881 -
Farias Brito, Fortaleza - CE, 60035-131.
Instagram: <https://www.instagram.com/acec.ce/>



Depoente: Douglas Valter Soares.

“A chegada do Sistema Braille marcou o início do movimento de cegos no Maranhão”.

No estado do Maranhão, a primeira iniciativa visando à difusão do Sistema Braille se dá em 21 de setembro de 1964, com a criação da Classe Experimental Braille, funcionando em espaços improvisados e contando inicialmente com 9 kits de reglete e punção, 6 cubarítimos e sete cartilhas do a b c. O experimento ganhou notoriedade no estado, resultando na criação da Escola de Cegos do Maranhão (ESCEMA) em 29 de julho de 1967, a qual, ainda em nossos dias, funciona como internato e, embora com um pequeno número de estudantes, mantém os mesmos moldes do IBC.

O Centro Integrado de Educação, que em 2001 foi transformado no Centro de Apoio Pedagógico (CAP), como também a Biblioteca Benedito Leite, que além de contar com um relevante acervo impresso, dispõe de scanner com voz, impressora e linha Braille. São instituições estaduais que também se destacam, desempenhando importante papel no tocante à disseminação do sistema.

Atualmente, as escolas do município e, especialmente as escolas da rede estadual, também investem na oferta de material em Braille, o que se soma ao trabalho desenvolvido pela Associação de Deficientes Visuais do Maranhão (ASDEVIMA), e pelo Centro Desportivo Maranhense de Cegos (CEDEMAC), instituições criadas posteriormente com a finalidade de fortalecer a luta em defesa da emancipação das pessoas cegas no estado do Maranhão.



Escola de Cegos do Maranhão (ESCEMA)

Endereço: Tv. Bequimão, 25 -
Bequimão, São Luís - MA, 65060-490.

Instagram: <https://www.instagram.com/escoladecegos/>

Associação de Deficientes Visuais do Maranhão

Endereço: R. Vinte e Dois - Bequimão,
São Luís - MA, 65066-620.

Instagram: <https://www.instagram.com/asdevima/>



Depoente: Joana Belarmino de Sousa.

“Eu vou pai! Essas três palavras me colocaram no mundo Braille, no mundo da cultura, no mundo da formação acadêmica, no mundo da universidade. Ou seja, minha vida não seria essa sem o Braille”.

Com estas palavras, Joana Belarmino de Souza ecoa, poeticamente, a voz das pessoas cegas do estado da Paraíba em relação à importância do sistema Braille, cuja introdução ocorreu no ano de 1940, por iniciativa de dona Adalgisa Cunha, benemérita da sociedade pessoense que, tendo sonhado com um belo jovem cego, dedicou sua vida a ações que mudariam definitivamente as perspectivas para estas pessoas no estado.

Tendo iniciado seu projeto em uma casa, conta a história que, mais tarde, na sede definitiva do Instituto, em funcionamento até os dias atuais, assim como foram plantadas as primeiras árvores, dona Adalgiza escreveu, a punho, os primeiros livros, numa época em que certamente, a imprensa Braille não houvera chegado ao país.

Seu marido, que era juiz, recrutou muitos alunos cegos do interior do estado, transportando-os para o Instituto, onde o aprendizado da leitura Braille se dava através de alfabetos projetados em zinco, utilizando-se ainda o cubarítimo para a realização de cálculos matemáticos.

O incentivo às habilidades musicais tornou-se parte integrante das atividades desenvolvidas na instituição, que encaminha o primeiro aluno cego à universidade na década de 1960, época em que alunos e ex-alunos iniciam um forte movimento associativo.

Na Paraíba, a expansão do sistema Braille não fica restrita à capital do estado. Com as mesmas finalidades, desafios e perspectivas, no ano de 1952, é criado, pelo professor José da Mata Bonfim, um instituto de cegos no município de Campina Grande, o qual ainda encontra-se em funcionamento em nossos dias, contribuindo decisivamente para a inclusão de pessoas com deficiência visual na música, no paradesporto e na educação superior.



Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha

Endereço: Av. Santa Catarina, 396, Sala 41,
Estados - CEP: 58030-070 - João Pessoa/PB.

Site: <https://www.icpac.com.br/>

Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste - ICENO

Endereço: Rua João Quirino, Nº 33 –
Bairro: Catolé, Campina Grande, PB, Brasil.

Site: <https://institutodoscegos.com.br/>



Depoente: Antônio José do Nascimento Ferreira.

“O Instituto é este farol que ilumina as pessoas cegas no estado de Pernambuco”.

Com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854, o paraibano Antônio Pessoa de Queiroz, sobrinho de Epitácio Pessoa, passa a estudar naquela instituição e, por se destacar como aluno do educandário, recebe uma premiação que o levaria a prosseguir seus estudos, na França. Ocorre que Antônio decide mudar a rota e, retornando a Pernambuco, cria, no ano de 1909, o Instituto de Cegos do Recife, em funcionamento até o ano de 1927, fechado por motivos financeiros.

A criação da SOBECER (Sociedade Beneficente de Cegos do Recife) (hoje ASSOBECEER), foi a alternativa encontrada pelas pessoas cegas após o fechamento do Instituto, cuja reabertura ocorreu em 1935.

Além de colaborar com a expansão do sistema Braille, o segundo Instituto de cegos criado em nosso país, se destaca por uma gama de atividades desenvolvidas na área da música e pela formação de notórias personalidades no cenário local e nacional. Contando com a valiosa contribuição da Santa Casa de Misericórdia, e em parceria com a ASSOBECEER e a Associação Pernambucana de Cegos, criada na década de 1980, o atual Instituto Antônio Pessoa de Queiroz vem, ao longo de sua história, desempenhando relevante papel no tocante à reabilitação e fortalecimento de vínculos entre pessoas cegas e com baixa visão no estado de Pernambuco.



Instituto dos Cegos Antonio Pessoa de Queiroz

Endereço: R. Guilherme Pinto, 146 - Graças, Recife - PE. CEP 52011-210.

Site: <https://www.santacasarecife.org.br/unidade/instituto-de-cegos-antonio-pessoa-de-queiroz/7/>

Depoente: Antenilton Marques.

“Nós transformamos a vida de muitas pessoas cegas e de suas famílias através do Sistema Braille”.

Sob a idealização do então vereador Joel Barbosa Loureiro, que era pessoa cega, no ano de 1954, no município de Teresina - PI, é criada a Escola Louis Braille, que em pouco tempo encerra suas atividades. Entretanto, o propósito de alfabetizar as pessoas cegas persiste para o vereador que, unindo-se a outros homens cegos, os quais se destacavam como políticos e empresários locais como Emanuel do Bonfim Veloso, inauguram, em 21 de junho de 1967, a Associação de Cegos do Piauí (ACEP), cuja luta aguerrida e, ao mesmo tempo desafiadora, se mantém viva ainda hoje.

A fim de fortalecer o ensino do Sistema Braille, um passo importante foi encaminhar 4 professoras à Fundação Para o Livro do Cego no Brasil, hoje Fundação Dorina Nowill para Cegos, que, de volta a Teresina, multiplicaram seu aprendizado junto a jovens cegos recrutados do interior do estado.

Outro marco na estrutura da ACEP, diz respeito à criação do Centro de Habilitação e Reabilitação de Cegos, o qual contribuiu significativamente para a expansão do Braille, assim como para a inclusão de pessoas cegas nas escolas da rede municipal, estadual e privada.

Reafirma-se, portanto, o relevante papel desempenhado pelo movimento associativo no Piauí que, diferente de outros estados da região, apesar da inexistência de um instituto, conquistou visibilidade nacional no movimento de cegos, participando efetivamente nos eventos e discussões vivenciadas ao longo de sua história.



Associação dos Cegos do Piauí - ACEP

Endereço: Rua Beneditinos 537 - Sao Pedro, Teresina, CEP 64019580.

Instagram: <https://www.instagram.com/acep.pi/>

Depoente: Francisco das Chagas de Araújo

“O Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981) abriu portas para nós no mercado de trabalho”.

No ano de 1952 foi criado o Instituto de Proteção aos Cegos, Surdos e Mudos do Rio Grande do Norte, cuja finalidade principal resumia-se em prestar assistência a esta população.

Diferentemente do que ocorria nas vizinhas capitais, Natal, ao longo de sua história, não contou com um internato para pessoas cegas, o que impactou negativamente, tanto na locomoção, como no aprendizado do Sistema Braille, que geralmente era ensinado por meio de iniciativas isoladas, tais como o envio de cartas, ou mesmo através da ação de voluntários que passavam pelo estado em períodos de férias.

A capacitação dos primeiros profissionais para atuação na área ocorreu em Recife, com incentivos do governo do estado, cuja parceria foi decisiva para dar início à escolarização das pessoas cegas na década de 1970.

No ano de 1980 ocorre a dissolução da antiga instituição, fato que possibilitou a criação do Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC). Nesta mesma década, o ingresso no ensino médio e o trabalho como telefonista, através de parceria com a Embratel, marcaram a trajetória das pessoas cegas que, no ano de 2002, começam a chegar na universidade.

Sobre esta questão, destaca-se o apelo de um estudante cego que, sentindo-se prejudicado pela ausência de tempo em processos seletivos, traz a discussão para a mídia, contribuindo para a inserção do debate em âmbito nacional, o que, mais tarde, resulta, para as pessoas com deficiência, na garantia de uma hora a mais no Enem e em outros exames avaliativos.



Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos (IERC-RN)

Endereço: R. Fonseca e Silva, 1113 - Alecrim, Natal - RN, 59040-270.

Instagram: <https://www.instagram.com/iercrn/>

Depoente: Lucas Aribé Alves.

“O Sistema Braille foi um divisor de águas nas nossas vidas. A gente tem um contato extraordinário com as letras e as palavras que nenhum leitor de telas ou software moderno consegue nos oferecer”.

No estado de Sergipe o Sistema Braille chega a partir da idealização da Professora Maria Helena dos Santos que, mesmo qualificada pelo Instituto Benjamim Constant, experiencia múltipla discriminação por ser pessoa cega e negra, razão pela qual não consegue a adesão das escolas públicas encontrando, na igreja católica, um espaço para realizar a alfabetização das pessoas cegas.

Era o Serviço de Assistência à Mendicância (SAME), que, além de receber moradores de rua, passou a acolher este serviço em 1958, o qual foi interrompido com o falecimento da professora no ano seguinte.

Outra iniciativa relevante se dá na década de 1960 com a criação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia, instituição que acompanhava pessoas nas diversas especificidades de deficiência, a qual também contava com professoras qualificadas para dar aulas de Braille.

Na década de 1980, a professora Júlia Cruz inicia, em sua residência, um serviço destinado ao atendimento a pessoas cegas, criando o Instituto Jacques Lusseyran, que, por falta de recursos, não subsiste, o que leva a professora a ministrar aulas no Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual (CAP), implementado em Sergipe no final da década de 1990, período em que a Divisão de Educação Especial, à época vinculada à Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, também se encontrava em funcionamento.

Em relação a disseminação do Sistema Braille, também merece destaque o trabalho desenvolvido pelo Centro Educacional João Cardoso do Nascimento Júnior que atuava na oferta de cursos de formação destinados a profissionais da rede estadual.

Além do CAP, atualmente, espaços como o Instituto Lucas e Mariana Aribé de Acessibilidade para a Inclusão Social de Pessoas com Deficiência (Iluminar), a Associação de Deficientes Visuais de Sergipe (ADEVISE) e a Associação Sergipana de Deficientes Visuais (ASDV), são reconhecidos pela adoção de iniciativas relevantes, não apenas no propósito de assegurar o aprendizado do Sistema Braille, mas sobretudo visando garantir a inclusão da pessoa cega no estado.



Associação de Deficientes Visuais de Sergipe (ADEVISE)

Endereço: R. Santa Luzia, 423 - Centro, Aracaju - SE, 49010-310.

Site: <https://adevise.com.br/>

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (ORG.). (Auto)biografia e formação humana. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ALBERTIR, Verena. Ouvir e contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004; Histórias dentro da História. In: PINSSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. 2ª ed. Memória e Sociedade. Tradução de: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

JOSSO, Mary Christinne. Experiências de vida e formação. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

Sobre o livro

Projeto Gráfico e Editoração	Leonardo Araújo
Capa	Leonardo Araújo
Formato	15 x 21 cm
Mancha Gráfica	11 x 16,8 cm
Tipologias utilizadas	Caladea 11 pt

No ano em que se comemoram dois séculos da existência do Sistema Braille no mundo, e, conseqüentemente, no Brasil, convido você, leitor(a), a fazer um breve passeio por toda esta região chamada Nordeste, formada por nove estados, onde o invento do genial cego francês foi disseminado ao longo da primeira metade do século XX. Neste passeio tiflológico pelo Nordeste, se constatará que o segundo educandário brasileiro do gênero surgiu em Recife (PE), em 1909. A partir dos anos 60, começam a ser criadas Nordeste afora, associações representativas das pessoas cegas e com baixa visão. Desde então, essas associações de pessoas cegas e com baixa visão, com todo o seu voluntariado, vêm, até os dias atuais, impulsionando o ensino e a disseminação do sistema de seis pontos em toda esta vasta região. Mais que um construto histórico, almejamos que, ao chegar a cada um dos nove estados de nossa região, esta obra se torne um instrumento impulsionador na luta pela garantia do livro acessível nas pontas dos dedos de cada criança ou jovem com cegueira ou baixa visão, contribuindo, dessa forma, para efetivação de sistemas educacionais cada vez mais acolhedores e inclusivos.

